



HAL
open science

China: Crônica de um país em rápida transformação

Marcelo Pires Negrao

► **To cite this version:**

Marcelo Pires Negrao. China: Crônica de um país em rápida transformação. Confins - Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia, 2020, 46, 21 p. 10.4000/confins.30473 . hal-03823982

HAL Id: hal-03823982

<https://hal.science/hal-03823982>

Submitted on 3 Nov 2022

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Confins

Revue franco-brésilienne de géographie / Revista franco-brasileira de geografia

46 | 2020
Número 46

China: Crônica de um país em rápida transformação

China: Recite of a rapidly changing country

Chine: récit d'un pays en transformation

Marcelo Pires Negrão



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/confins/30473>

DOI: 10.4000/confins.30473

ISSN: 1958-9212

Editora

Hervé Théry

Este documento é oferecido por Nantes Université



Refêrencia eletrónica

Marcelo Pires Negrão, «China: Crônica de um país em rápida transformação», *Confins* [Online], 46 | 2020, posto online no dia 24 junho 2020, consultado o 03 novembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/confins/30473> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.30473>

Este documento foi criado de forma automática no dia 29 setembro 2020.



Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilhualgal 4.0 Internacional - CC BY-NC-SA 4.0
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

China: Crônica de um país em rápida transformação

China: Recite of a rapidly changing country

Chine: récit d'un pays en transformation

Marcelo Pires Negrão

- 1 **Motivação da viagem e percurso.** O objetivo da viagem à China foi ministrar duas disciplinas no curso de graduação em Geografia da Universidade de Ningbo, no âmbito de um acordo de dupla-diplomação dos alunos dessa universidade com a Universidade de Angers, na França, na qual trabalho. A estadia se estendeu por 21 dias, dos quais 4 em Shanghai, 14



em Ningbo e 3 em Pequim. Pequim é a capital política e cultural e Shanghai a capital econômica do país. A cidade de Ningbo (7,5 milhões de habitantes) fica ao sul de Shanghai (25 milhões de habitantes) e elas fazem parte da mesma região metropolitana, apesar de estarem em províncias diferentes. Já Pequim (21 milhões de habitantes) fica cerca de 1.300km ao norte de Shanghai. O trajeto entre Shanghai e Pequim foi feito no moderno trem chinês CRH de alta velocidade, em 4hs (pouco mais de 350km/h). Mesmo para alguém habituado ao TGV francês, o luxo e a modernidade dos *Fuxing* e *Hexie* são impactantes.

Imagem 1: Trem de alta velocidade chinês que liga as cidades de Pequim e Shanghai.



Autoria própria.

- 2 **Clima.** O clima na região de Shanghai e Ningbo na primavera / verão é bastante quente e húmido e as temperaturas se situam entre 21 e 35 graus. Nessa época, lembra o clima equatorial da Amazônia, muito abafado e chuvoso. No inverno faz algum frio e raramente neva. Já Pequim, bem mais ao norte, é muito mais fria e com neve no inverno. Durante minha passagem pela cidade as temperaturas de Pequim estavam entre 18 e 28 graus. O que não impede de ter verões quentes, como na França.
- 3 **Impressão geral.** A impressão durante toda a estadia foi muito positiva: um país moderno, em pleno desenvolvimento econômico. A taxa de desemprego oficial é de 3%, impressionante para uma população de 1,4 bilhão de pessoas. Os carros de luxo (Audis, Porsches, Mercedes, Land Rovers e Ferraris) estão por toda parte. Dezenas de *shoppings centers* muito grandes e novos em cada bairro das cidades por onde passei. O país é ainda um grande canteiro de obras que lembra o antigo jogo de computador *SimCity 2000*. Constrói-se bairros inteiros em uma única tacada. É comum ver condomínios de 10 a 20 prédios com mais de 20 andares cada sendo construídos ao mesmo tempo. Grandes vias expressas (como as linhas vermelha e amarela no Rio de Janeiro ou o Rodoanel de São Paulo) estão em construção simultaneamente por todos os lados também. Os parques e áreas verdes também são construídos ao mesmo tempo: centenas de hectares de áreas reflorestadas ao redor dos canteiros de obra. É um país onde tudo muda muito rápido: a paisagem, os hábitos e costumes... Além disso, é fácil circular pelos transportes públicos (em geral muito novos) e as cidades são muito seguras – sem violência e limpas. E muito bem sinalizadas em inglês (especialmente Shanghai). Outra coisa que chama a atenção é a inexistência de miséria. Há um pouco de pobreza, como alguns cortiços de trabalhadores mal remunerados, mas que nem de longe são representativos da paisagem urbana. Mas nenhuma miséria. Não vi nenhum pedinte ou morador de rua em nenhuma das três cidades. Nancy, onde moro na França, com 300 mil habitantes, tem mais pedintes nas ruas do que Shanghai, com 25 milhões. Com as metrópoles brasileiras a comparação é ainda mais cruel. Os tamanhos e dimensões chinesas também impressionam. Tudo é superlativo: A cidade de Pequim tem um território de 16,5 mil km². 15 vezes maior do que o município do Rio de Janeiro, 8 vezes maior do que São Paulo – e 150 vezes maior do que a área da cidade de Paris. Isso para 21 milhões de habitantes – sem falar dos 1,4 bilhão de habitantes do país: 22% da população mundial.

Imagem 2: Um bairro inteiro em construção na cidade de Ningbo.



Os prédios ao fundo estão em fase de acabamento. A vitalidade do setor de construção civil chinês impressiona.

Autoria própria.

- 4 **Shanghai cosmopolita e avant-gardista.** Shanghai é hoje o principal centro econômico da Ásia. É difícil imaginar uma cidade mais dinâmica, mesmo Hong Kong, Singapura ou Tóquio. Mas ao contrário da maior parte das cidades médias e grandes da China, Shanghai não é uma cidade histórica. Ela fica na beira do oceano Pacífico, próxima a desembocadura do Rio Huang Pu, que cruza o centro da cidade. Ainda no século XVIII, Shanghai era uma vila de pescadores com um importante porto marítimo de onde chegavam e saíam os barcos que comercializavam com o ocidente (especialmente com a França e a Inglaterra). O que vai mudar radicalmente o destino da vila de pescadores e do porto é a Guerra do ópio com a Inglaterra. Entre os anos 1820 e 1830 mais da metade do lucro colonial inglês vinha do comércio do ópio (proibido na Inglaterra, mas amplamente comercializado nas colônias, especialmente na Índia, Paquistão e Afeganistão). Querendo expandir seu mercado, a Inglaterra pressionou o governo imperial da China a abrir seus portos para os navios ingleses comercializarem a droga. O imperador chinês recusou sob o lógico pretexto de que isso teria um impacto terrível sobre a saúde da população chinesa e passou a apreender os navios ingleses que comercializavam ilegalmente o ópio na costa marítima chinesa. Após ter prejuízo com algumas apreensões de carregamentos de ópio pelos chineses, a Inglaterra decidiu enviar sua armada para a China e, entre 1838 e 1842, duas guerras do ópio se sucederam. Com apoio de franceses e norte-americanos, os ingleses impuseram uma derrota humilhante ao exército do imperador chinês e obrigaram a China a abrir 5 portos marítimos para os ocidentais comercializarem o ópio. O mais importante desses portos foi o de Shanghai. Além disso, os ingleses (e franceses e norte-americanos) ocuparam a cidade de Shanghai e transformaram ela em uma concessão ocidental (uma

espécie de colônia, restrita ao perímetro municipal de Shanghai). Já no ano de 1900 a cidade tinha 1 milhão de habitantes, dos quais 350 mil estrangeiros – o que por vias tortas começou a transformar a cidade em um grande centro econômico mundial. A primeira guerra mundial provocou a saída dos ocidentais (Inglaterra, França e EUA) e logo depois Shanghai seria tomada pelo Japão, que ocupou militarmente a cidade até a derrota na Segunda Guerra mundial. Shanghai retorna definitivamente para os chineses em 1945, ao fim da 2ª guerra. Entre o fim do século XIX até os anos 1930 Shanghai foi uma cidade dominada pela máfia, comércio livre do ópio e pela prostituição. Um paraíso para a diplomacia ocidental, que vinha quase sempre se instalar na cidade desacompanhada de suas famílias. A arquitetura da parte mais antiga de Shanghai é muito marcada pelo ocidente: Boulevards franceses e inúmeros prédios em estilo Art-déco. Desde o século XIX sempre circulou muito dinheiro na cidade. Hoje não há mais vestígio dessa Shanghai do imaginário histórico, da máfia e do ópio – mas os prédios em Art-déco e os boulevards continuam lá. Após a Revolução cultural de 1949, quando Mao Tse-tung assumiu o poder do país, a máfia foi caçada e expulsa pelo governo e a cidade progressivamente se tornou um lugar seguro. Aliás, o Partido Comunista Chinês (PCC) foi criado em Shanghai em 1921, sob influência de comunistas franceses. O prédio da primeira reunião do PCC é um dos pontos turísticos da cidade hoje. Apesar das mudanças progressivas após a revolução de 1949, até os anos 1980 o país e a cidade estavam submetidos a uma política de austeridade econômica com muita pobreza. O boom econômico vem a partir dos anos 1990 com a abertura ao capitalismo, do qual o bairro empresarial de Pudong é o símbolo principal. Shanghai é hoje uma cidade bastante ocidentalizada (herança da guerra do ópio, mas também pela abertura econômica recente) e cosmopolita. Há milhares, talvez milhões, de pessoas circulando nas ruas o tempo todo (qualquer dia da semana e em qualquer horário, mesmo na madrugada). É uma cidade cheia de estrangeiros e mais ainda de jovens chineses, ultra conectados em seus telefones e que não viveram a época de austeridade e pobreza dos seus pais. Os jovens chineses da Shanghai atual têm hábitos ocidentalizados e estão ávidos por um bom trabalho em uma multinacional chinesa ou ocidental.

Imagem 3: Prédio onde foi fundado o Partido Comunista Chinês (PCC) em 1921



O prédio onde foi fundado o PCC em 1921 encontra-se hoje em uma das áreas mais ricas e ocidentalizadas de Shanghai.

Autoria própria.

- 5 Além disso, estar em Shanghai é a impressão de estar no futuro, na nova metrópole do século XXI. A cidade *high-tech*. Tudo é novo, tudo funciona bem. Respira-se tecnologia, muitas delas sequer chegaram na Europa ainda. O bairro empresarial de Pudong é realmente impressionante: em uma área de 550km² (cerca de metade de todo o município do Rio de Janeiro) foi construído um único bairro para abrigar as sedes ou filiais das maiores empresas presentes na China (sejam chinesas ou ocidentais). Esse bairro abriga o segundo maior prédio do mundo, a Shanghai Tower com impressionantes 632 metros de altura. É possível subir no topo e ter uma bela vista da cidade. Esse mesmo bairro abriga outro imenso prédio, o Shanghai World Financial Center, décimo maior prédio do mundo, com quase 500 metros de altura. Pudong era uma área rural do outro lado do Rio Huang Pu ainda no início dos anos 1990. Desde então foram construídos mais de 3 mil arranha-céus e outros 2 mil ainda estão em projeto. Talvez o mais impressionante projeto urbano do mundo. O objetivo é construir a “Manhattan da Ásia”. E pelo visto irão superar a Big Apple tanto em termos de tamanho quanto em PIB.

Imagem 4: Distrito empresarial de Pudong



O centro empresarial de Pudong em 1990 (acima) e em 2010 (abaixo). Símbolo da emergência econômica chinesa.

Foto retirada do site <https://www.gurumed.org/>.

Imagem 5: Vista noturna do bairro empresarial de Pudong.



No primeiro plano está o Rio Huang Pu que divide o centro histórico do novo centro empresarial. É possível ver também algumas das torres mais altas do mundo: à esquerda, a torre de rádio e TV de Shanghai e mais à direita o Shanghai World Financial Center (com luzes azuis) e a Shanghai Tower (com o topo iluminado em branco).

Autoria própria.

Imagem 6: Centro histórico de Shanghai



Na margem oposta do Rio Huang Pu ao bairro empresarial de Pudong encontra-se o centro histórico de Shanghai, com seus prédios ocidentalizados do fim do século XIX e início do século XX, muitos em Art-Déco.

Autoria própria.

Imagem 7: Shanghai World Financial Center e Shanghai Tower



Shanghai World Financial Center (prédio do meio) e Shanghai Tower (à direita), respectivamente 10º e 2º maiores prédios do mundo com 492 e 632 metros de altura.

Autoria própria.

Imagem 8: Shanghai World Financial Center pelo alto



Shanghai World Financial Center visto pelo alto, do observatório localizado no topo da Shanghai Tower.

Autoria própria.

- 6 **Comportamento e fisionomia dos chineses.** A outra surpresa é com os chineses. Apesar do estereótipo de pessoas tímidas eles são extremamente abertos ao mundo, curiosos por outras culturas e aparentam ter poucos tabus. De fato, eles são tímidos quando não conhecem o interlocutor, mas uma vez superada essa barreira existe uma grande abertura de diálogo, inclusive para conversar sobre política (e qualquer outro tema). Ao contrário da Europa e dos EUA, não vi nem ouvi aqui relato de nenhum tipo de movimento xenofóbico ativo contra estrangeiros (que estão presentes aos milhares, talvez milhões, além de ‘ocidentalizar’ o país com seus valores e suas empresas – há uma Starbucks, por exemplo, em quase toda esquina). No entanto, conversando com alguns alunos marroquinos que conheci no campus, eles relataram algumas formas pontuais de racismo. Um racismo menos pela cultura dessas pessoas (islamismo, por exemplo) e mais pela cor da pele (quer dizer, árabes-muçulmanos brancos “não têm problemas”, mas aqueles com uma tonalidade de pele mais escura sofrem com o racismo).
- 7 Outro estereótipo completamente falso sobre os chineses e disseminado no ocidente é de que eles seriam “todos iguais”. Na verdade, algumas pessoas acham isso simplesmente porquê não os conhecem. Além de diversas etnias, existe uma diversidade quase infinita de fisionomias: tons de pele mais claros ou escuros, cabelos mais finos ou grossos, lisos e cacheados, nariz fino e pontudo, nariz largo e achatado, altos, baixos, magros, gordos, carecas e cabeludos. Os olhos também, apesar de puxados para todos, são bem mais puxados para uns do que para outros (que podem ter um formato mais arredondado), ou ainda mais fundos ou com as pálpebras mais

ressaltadas. Sem falar nas mudanças estéticas “de salão”, como cabelos pintados, etc. Poderia falar de uma infinidade de outras características físicas que não caberiam aqui e que distinguem cada indivíduo do outro. Após 14 dias de aula fui capaz de identificar a fisionomia dos meus alunos individualmente, sem nenhuma dificuldade.

- 8 Os alunos chineses, aliás, mostraram-se exemplares. Pontuais, não há nenhuma falta (tive 40 alunos inscritos na lista de chamada em cada turma e sempre 40 presentes durante as aulas. Ninguém chega atrasado), eles fazem jus ao estereótipo de concentração e força de vontade oriental: olham fixamente a aula, anotam, perguntam e (quase) não conversam entre si. É um prazer dar aula nessas condições. Eles fazem aula de francês e a maior parte dos alunos compreende o que eu falo, mas tive três intérpretes que se revezam para traduzir simultaneamente minhas aulas do francês para o mandarim. Eles fazem um uso muito positivo da tecnologia por lá: eu envio para eles minhas aulas em formato *PDF* ou *PowerPoint* antes do curso e quase todos possuem um tablet com um aplicativo que permite fazer anotações e escrever com uma caneta na tela do tablet em cima da minha apresentação. Esse aplicativo permite fazer notas, rabiscar, escrever, apagar... enfim, como se estivessem anotando em cima de uma folha de papel com minhas aulas impressas, mas de forma digital. Uma curiosidade: todos os computadores da universidade são equipados com Windows 7 ou 10... piratas! Algo inimaginável de se fazer na França (ao menos nos computadores da universidade).
- 9 Uma última curiosidade sobre comportamento: é comum os chineses que interagem com ocidentais escolherem um nome ocidental para facilitar a conversa. Um nome ao acaso, sem nenhuma relação com seus nomes chineses. Assim, cada um dos meus 80 alunos tinham um nome chinês (de nascimento) e um nome francês (escolhido ao acaso). O Shen era Olivier. A Sika era Noémie. Uma espécie de avatar. Minha esposa já havia me dito que na empresa em que ela trabalha os chineses faziam a mesma coisa (eles já sabem que não iremos mesmo compreender e decorar os nomes deles, então tentam facilitar as coisas – o que não deixa de ser estranho. Pessoalmente, eu acho que não conseguiria adotar um outro nome asiático).
- 10 **Alimentação.** Sem dúvidas a alimentação é o ponto alto do exotismo chinês. Trata-se de uma das mais diversas e reputadas cozinhas do mundo. A culinária chinesa é dividida em pelo menos 4 grandes regiões: Canton, Sichuan, Shanghai e Pequim. Mas existem ainda mais variações sub-regionais. De uma forma mais ampla, ao Sul o arroz é onipresente e ao Norte é o trigo que faz a base (seja macarrão, pães cozidos no vapor ou raviólis). A pimenta é muito usada. E a culinária de Sichuan é particularmente apimentada (muito mesmo!) e também é considerada a mais refinada do país, apesar de, às vezes, usar alguns ingredientes exóticos como larvas e insetos. Em todo o caso, diferente da famosa feira de animais de Wuhan, no dia a dia não se vê nada disso em uma cidade como Shangai (animais silvestres, larvas e insetos – mas pimenta sim, muita!) – talvez um pouco de insetos em Pequim, em bairros populares – mas cada vez mais difícil.
- 11 Apesar de existirem diversas redes internacionais de fast food como Mc Donalds, KFC, Starbucks, Café Costa entre outros restaurantes ocidentais menores, alimentar-se na China no dia a dia ainda é um desafio para um ocidental. Em Pequim e Shangai não existem mais os antigos mercados que comercializam todo tipo de inseto (animais silvestres, gafanhotos, escorpiões, ...), como em outras regiões do país. Essa China desaparece a grande velocidade (em Pequim ainda é possível achar alguma coisa, mas é cada vez mais raro). Entretanto, o modo de se alimentar chinês ainda é bastante

diferente do ocidental e se apresenta como um ponto de resistência cultural à ocidentalização da sociedade urbana chinesa – com alguma razão os chineses não parecem muito entusiasmados com a forma ocidental de se alimentar.

- 12 Outra ‘dificuldade’ para os ocidentais é o horário das refeições, especialmente o jantar. Os chineses fazem todas as suas refeições relativamente mais cedo do que no ocidente. O jantar em geral é servido entre 16h00 ou 17h00 – antes das 18h00 já se terminou a janta e não se come mais nada até dormir. O que é sem dúvidas sábio: fazer a digestão antes de dormir e não durante o sono.
- 13 Os chineses não desperdiçam nenhuma parte dos animais que estamos acostumados a comer: comem patas de galinha (algo bastante comum, quase um tira-gosto). É possível encontrar também pratos cheio de cabeças de pato, tartaruga servida inteira, além de pele de peixe e de porco (existem pratos feitos exclusivamente com pele de peixe por exemplo – bastante gordurosos).
- 14 Em Ningbo e Shanghai o café da manhã é particularmente difícil: come-se macarrão, arroz, legumes e verduras refogadas com alho. Não seria nenhum problema após o meio dia. Mas pessoalmente achei um pouco indigesto às 7h da manhã. Não há opção. O que dá para se fazer é tomar sopa de ravioli e pão recheado com carne cozido no vapor (eram as comidas menos temperadas e engorduradas pela manhã). Aliás, usa-se muita gordura aqui para cozinhar tudo, até no arroz.
- 15 Outra situação de difícil adaptação: as bebidas são mornas ou quentes. Um copo d’água para matar a sede? Quente! Suco de laranja? Quente! (aquecido na panela ou no micro-ondas). A sabedoria chinesa diz que é melhor beber líquidos na mesma temperatura do corpo. E que beber água gelada seria uma agressão ao corpo – uma sabedoria que faz parte da trilogia chinesa “sociedade, filosofia e medicina”. A cerveja também é sempre na temperatura ambiente (que em Shanghai era em torno de 30 graus). Ao fim da viagem eu já estava habituado a água quente. Talvez até passe a tomar em casa.

Imagem 9: Alimentação chinesa



No sentido horário, o primeiro prato (no alto e à esquerda) é típico de restaurantes populares de Shanghai. Ao lado direito, insetos servidos em um restaurante popular de Pequim. Abaixo, uma fondue chinesa e por fim uma sobremesa doce, mistura elementos frios e quentes que não consegui identificar (mas saboroso).

Autoria própria.

- 16 Almoço e janta são mais fáceis de comer, exceto se você não gostar de pimenta. Ela está presente em praticamente todos os pratos. E é mesmo um símbolo de sabor por lá: algo como o alho e a cebola para o brasileiro do sudeste. Quando um chinês quer agradecer, ele coloca ainda mais pimenta no seu prato para “realçar o sabor”. Bù, xièxiè! (Não, obrigado!).

Imagem 10: Venda de chás e infusões em um supermercado da cidade de Ningbo.



Autoria própria.

- 17 Os chás são um universo a parte. Para os amadores do café não há muita alternativa e o melhor é tentar esquecer um pouco: é caro e geralmente ruim. Os chás em compensação valem muito a pena. Existem todos os tipos, gostos e apresentações. A maioria eu sequer tinha visto na vida. Mesmo na França ou na Inglaterra que têm bons chás não se chega nem perto da variedade de sabores chinesa. Foi a única coisa que comprei para levar na mala para casa. Outras coisas muito gostosas que comi durante a estadia: Fondue chinesa (feita a base de água e caldo de legumes, carne, peixe, tomate ou apimentado – a escolha fica ao gosto do freguês), sopas (de macarrão ou ravioli com legumes), pão cozido no vapor (recheado com legume ou carne), pato laqueado, além do tradicional arroz cantonês com frango. Não ousei experimentar os insetos em Pequim, apenas registrei em foto.
- 18 **Comunismo e liberdade política.** Até a data da viagem imaginei que poderia ser colocado em uma espécie de “circuito para estrangeiros” de forma a não tomar contato com eventuais truculências do regime. Não foi exatamente o que aconteceu: eu pude circular livremente, fazer minhas aulas livremente, fui onde quis e falei com quem eu quis. E até aqui tenho a impressão de que meus colegas chineses de Geografia fazem o mesmo (com os limites que falarei mais abaixo). Enfim, nas ruas não vi “comunismo” em nenhum lugar, ao contrário, um capitalismo impressionante: os maiores bancos dos EUA e da Europa estão lá, grandes grupos comerciais e econômicos – os letreiros nas fachadas dos prédios são muito claros. Mas um capitalismo autoritário, sim: câmeras espalhadas por todos os lados e, inclusive, dentro da sala de aula e outros ambientes fechados (aulas monitoradas!). A partir disso tentei conversar um pouco com meus interpretes chineses e também com colegas franceses que vêm à China há mais tempo. De alguma forma o regime é presente no cotidiano das pessoas. Aqueles que são

filiados ao Partido Comunista Chinês (PCC) parecem ter uma ascensão profissional mais rápida. Mas alguns professores chineses da universidade de Ningbo se recusam a aderir ao partido e disseram que até agora isso não os atrapalhou particularmente – eles viajam, fazem pesquisa e dão aulas sem interferência. Em contrapartida, os cargos estratégicos são todos ocupados por pessoas filiadas ao partido – como o diretor do departamento ou o reitor da universidade. Os filiados ao PCC têm obrigações quotidianas, como ler livros ou ver vídeos nacionalistas do Partido ou da China ou ainda participarem de alguns encontros ou cursos anuais. Se não cumprirem, eles são advertidos (não ouvi falar em sanções maiores, além de uma advertência verbal ou escrita, mas que já é delicada pois pode fazer o indivíduo temer pelo avanço da sua carreira profissional, por exemplo). Na universidade de vez em quando escuta-se uma música no alto-falante. Em mandarim, então nada entendo. Uma interprete me disse que era uma música do governo, de exaltação à China... algo do tipo “a China é o melhor país, somos os melhores” ... um pouco “estranho”, mas não é particularmente agressivo.

- 19 Um dia, ao pegar meu passaporte e colocar no bolso, uma das tradutoras me aconselhou: na china, não é necessário andar com seu documento no bolso, basta seu rosto! As milhões de câmeras espalhadas a cada 50 metros nas ruas do país fazem o reconhecimento facial e através de inteligência artificial são capazes de saber em tempo real onde estão cada um dos 1,4 bilhão de chineses – inclusive os carros, a cada 300 metros nas ruas as placas são filmadas e o governo pode saber onde cada pessoa está. Assim, alguns controles são feitos: por exemplo, nada de ‘SPC’ ou ‘Serasa’ na China. Se você não paga suas contas de água ou luz, mas está em um aeroporto ou estação de trem prestes a embarcar, você pode ser identificado e proibido de viajar – o princípio é claro: se não tem dinheiro para pagar suas contas então também não pode ter para viajar. É o Big Brother do Orwell, o Estado é onipresente e sabe onde você está a cada momento. Apesar de abusivo, há algumas vantagens: a China é um país extremamente seguro. De uma forma geral, isso não parece incomodar muito os chineses com quem tive contato.

Imagem 11: Pequim, cidade vigiada.



Em um único cruzamento da cidade de Pequim, próximo a Cidade Proibida, é possível contar mais de uma dezena de câmeras de vigilância (destacadas com um círculo vermelho).

Autoria própria.

- 20 As aulas, como disse, também são observadas. Um professor chinês da universidade de Ningbo foi sancionado por ter entrado na sala 25 segundos atrasado (depois do horário previsto para o início da aula). O uso de “documentos sensíveis” em aula também é censurado. Um colega professor, com quem pude interagir, publicou um livro (trabalho da sua tese de doutorado) que originalmente tinha alguns mapas e os censores “recomendaram” tirar os mapas (na edição do livro). Assim foi feito. Uma geografia sem mapas, o que é paradoxal. Ouvi também outros casos em que o uso de mapas foi censurado (em sala e em publicações de pesquisas). Pelo retorno que tive dos meus colegas, é muito mais difícil na China ter acesso a mapas e dados socioeconômicos e demográficos (como o IBGE fornece para o Brasil ou o INSEE e o IGN para França). Parece que não há muita transparência quanto a isso por parte do governo Chinês. Mais do que uma geografia sem mapas, parece um país sem mapas: no hotel, no metrô... é extremamente difícil encontrar mapas das cidades, das regiões e do país. Aplicativos que usam mapas também são bloqueados. É notória a vontade deliberada do Estado Chinês em esconder o conhecimento “espacial”. Na China, a Geografia ainda serve antes de tudo para fazer a guerra (Lacoste). Cartografia rima com democracia.
- 21 Outra coisa é o bloqueio da internet aos principais aplicativos ocidentais: Instagram, Facebook, WhatsApp, Dropbox, Google, Gmail, Google Maps e Earth (claro!). Nada disso funciona na China – os ocidentais usam um VPN para burlar o bloqueio, os chineses, ainda que muitos também usem, parecem dar de ombros, já que por outro lado eles têm seus próprios aplicativos, desenvolvidos na China. O principal é o WeChat. Uma espécie de WhatsApp da China. Todo mundo usa e você pode inclusive realizar pagamentos com ele (na padaria ou no mercado por exemplo). Quase não se usa mais dinheiro em espécie

- os aplicativos de pagamento são onipresentes (alguns comércios sequer aceitam dinheiro - em um passado não muito distante até mesmo bancos locais chegaram a distribuir bilhetes falsos de Yuan). O Uber também tem sua versão local (Di di - assim se pronuncia). E o 'Google' da China é o Baidu. Para fazer reservas de hotel e trem, ao invés de Booking.com ou Airbnb, usa-se o Trip.com. De qualquer forma, os chineses em geral não parecem ligar para o bloqueio parcial da internet, já que nunca tiveram mesmo acesso aos aplicativos ocidentais e que, por outro lado, possuem os aplicativos locais que funcionam tão bem como os ocidentais (mas sem dúvidas são monitorados pelo Estado).

- 22 Ao mesmo tempo, com uma economia robusta e pleno emprego, as pessoas parecem ganhar corretamente a vida: salários corretos e poder de compra. Não há "comunismo" nas políticas sociais e de habitação: um metro quadrado de um apartamento novo em Ningbo custa em média 20 000 yuans (3 mil euros ou 14 mil reais). Ou seja, um apartamento de 100 metros quadrados, mais de 1 milhão de reais. E as pessoas estão comprando (se endividando por 20 anos, mas estão comprando.). Os shoppings centers, dezenas deles, vivem lotados. Todos consumindo ferozmente.
- 23 Em suma, a população chinesa parece trocar facilmente certas liberdades políticas por uma liberdade de consumo jamais vista no país, especialmente para os que se lembram dos períodos de austeridade. Um sentimento que vai no mesmo sentido que o dos brasileiros (em que pese todas as diferenças entre os dois países), mas que choca profundamente os franceses que vão a China - para quem a liberdade política é inegociável e vem antes da liberdade de consumo. Ao mesmo tempo, entre amigos e conhecidos é normal os chineses falarem sobre política, sobre o PCC ou a guerra comercial com os EUA.

Imagem 12: A Praça da Paz Celestial e mausoléu de Mao Tse-tung



A Praça da Paz Celestial e o mausoléu de Mao Tse-tung continuam a ser o centro do poder e das demonstrações de força militar da China.

Autoria própria.

- 24 **Guerra comercial com os EUA.** Quando o G-7 (grupo dos então 7 países mais ricos do mundo) decidiu no fim dos anos 1980 encorajar suas grandes multinacionais a transferir boa parte da sua produção para os países asiáticos, China em particular, certamente eles não previam o que estava por vir (um tal crescimento econômico asiático a ponto de mudar a correlação de forças geopolíticas e econômicas do mundo). EUA e Europa achavam que poderiam deslocalizar suas indústrias para a Ásia para produzir produtos mais baratos, aumentar seus lucros e que permaneceriam com suas hegemonias econômica e política guardando a parte de desenvolvimento e pesquisa (patentes) nos respectivos países de origem das multinacionais. Não se deram conta de que criavam um império econômico que rapidamente ganharia autonomia para produzir ele mesmo suas próprias pesquisas e patentes, muitas vezes de forma muito mais eficiente do que no ocidente. O resultado: estagnação e crise econômica no Atlântico Norte e dinamismo econômico no Pacífico. E uma guerra comercial entre as duas maiores economias do mundo cujo fim é mais ou menos previsível.
- 25 Perguntei para alguns chineses a opinião deles sobre como a guerra comercial entre EUA e China era vista por lá e parece que tem sido noticiado todos os dias na imprensa local e nacional – TV e sites de notícia na internet. O efeito mais imediato parece ser o de criar um sentimento de união nacional em torno das empresas alvo de bloqueio comercial, especialmente a Huawei – que teve um importante aumento de vendas na China após o início das disputas comerciais. Não sei se os EUA pensaram nesse “efeito colateral”, mas criar um sentimento de união e hostilidade contra o seu país (EUA) por 1,4 bilhão de pessoas não parece ser um bom negócio. Há um certo sentimento de

injustiça nas sanções aplicadas pelos EUA e isso provoca a união dos chineses, que são muito orgulhosos das empresas nacionais e do desenvolvimento econômico do país. É possível que isso passe a se traduzir em boicote a produtos e empresas norte-americanas – como já aconteceu na Europa também em outros momentos. Os EUA não parecem mesmo preocupados com o sentimento de hostilidade que se dissemina ao redor do mundo contra eles.

- 26 De qualquer modo, estando na China parece mais do que claro que é inevitável que o país supere economicamente os EUA, para se tornarem a primeira potência econômica do mundo. Seja em 2030 ou 2050, a economia chinesa vai ser a primeira. O que o governo Trump parece estar fazendo é tentando retardar esse fato. Muitos dizem que a estratégia de Trump está errada: ao proibir empresas norte-americanas como a Google de negociar com as chinesas, tipo a Huawei, os EUA forçarão os chineses a desenvolverem certos produtos ainda mais rapidamente. Ou alguém duvida que em pouco tempo a Huawei terá seu próprio sistema operacional para substituir o Android? Na verdade, desde meados dos anos 2000 a China passou a desenvolver um imenso programa chamado de “China 2” que consiste em fazer pesados investimentos em desenvolvimento tecnológico e pesquisa: o objetivo é transformar a China no maior produtor mundial de patentes já em 2025 – passando assim os EUA, Japão e Alemanha. Ou seja, passar do “Made in china” para o “Concebido e projetado na China”. Ao invés de produzir as bugigangas de R\$1,99 os chineses agora querem produzir produtos cada vez mais inovadores e sofisticados. E não resta dúvida de que eles irão conseguir. Já estão fazendo e é questão de tempo que seus produtos se tornem a referência de consumo no ocidente.
- 27 As humilhações e guerras chinesas do século XIX (ópio) e início do século XX (concessões ocidentais em Shanghai) parecem de alguma forma não desaparecerem da memória dos chineses e especialmente do governo chinês. Seria de se estranhar que a China fizesse algum tipo de concessão aos EUA que não atendesse aos seus próprios interesses.
- 28 **Pequim, cidade histórica.** Os jovens chineses dizem que se você quer conhecer a China do futuro deve ir à Shanghai. Mas se quiser conhecer mil anos de história deve ir a Pequim. A Cidade Proibida no centro da cidade foi a capital do Império Chinês por mais de 5 séculos. A China conheceu um grande desenvolvimento técnico e científico no mesmo tempo em que a Europa, a partir do século XV. E lançou-se também a fazer expedições marítimas. Os Chineses teriam assim chegado ainda por volta do século XVI e XVII a costa oeste dos Estados Unidos e a costa leste da África (Madagascar e África continental, onde hoje se encontra a Somália). Teriam sido até mesmo os navegadores chineses que ensinaram portugueses e espanhóis a navegar com as caravelas contra o vento, o que permitiu Portugal dobrar o cabo da Boa Esperança no sul da África pela primeira vez no século XVI – até então o caminho entre Europa e Ásia era feito pelo Mediterrâneo passando pelo Canal de Suez. Entretanto, a China nunca teve ambições colonialistas e expansionistas fora daquilo que ela considera seu próprio território nacional – ao contrário dos europeus. O objetivo maior dessas viagens era difundir o conhecimento chinês (extremamente avançado para a época em diversos domínios como navegação, cosmografia e militar) para diversos povos. O avanço técnico e científico chinês fez com que os próprios se autodenominassem “O Império do meio” em referência ao meio do mundo. Era assim que os chineses se viam no século XVIII: a maior potência técnica, intelectual e econômica do mundo. O século XIX vai marcar

uma importante retração da economia e da sociedade chinesa, especialmente após a humilhação da guerra do ópio diante dos ingleses. O 'Império do meio' faz seu retorno em grande estilo no fim do século XX e toda essa história é viva em Pequim. Para os chineses, é natural que eles retomem o posto de primeira potência econômica e militar do mundo – afinal, são mais de 6 mil anos de história e cultura em que na maior parte do tempo eles se consideravam nessa condição (de potência imperial). O período de decadência entre 1850 e 1950 é apenas um pequeno parêntese na história milenar do país.

RESUMOS

As impressões que seguem no recito abaixo foram recolhidas durante estadia nos meses de maio e junho de 2019 nas duas maiores metrópoles chinesas e dão conta das rápidas transformações pelas quais o país passa, da condição emergente dessas cidades globalizadas e, de forma simples, como são e se comportam os chineses pelo olho de um ocidental.

This recite presents the impressions experienced during a teaching stay and a visit to the two major Chinese metropolises, Shanghai and Beijing, between May and June, 2019. It describes the rapid transformations of the country, the emerging condition of these globalized cities, and Chinese behavior seen through the eyes of an occidental.

Ce récit présente les impressions vécues durant un séjour d'enseignement dans les deux grandes métropoles chinoises, Shangaï et Pékin, entre les mois de mai et juin de 2019. Il décrit quelques transformations rapides du pays, la condition émergentes des deux villes mondialisées et le comportement des chinois, vu par les yeux d'un occidental.

ÍNDICE

Palavras-chave: Ningbo, Xangai, Pequim, China

Keywords: Ningbo, Shanghai, Beijing, China

Mots-clés: Ningbo, Shangaï, Pékin, Chine

AUTOR

MARCELO PIRES NEGRÃO

Université d'Angers. ESO-Angers (UMR 6590) marcelo.piresnegrao@univ-angers.fr